

**RELATO**  
**O MUSEU COMO ESPAÇO EDUCATIVO EM ARTE: INTERAÇÃO ENTRE OS**  
**ESCOLARES E O PATRIMÔNIO CULTURAL**  
**LINGUAGEM: ARTES VISUAIS**

*Carolina Vieira do Nascimento*

*Faculdade 7 de Setembro – FA7 - Especialização em Arte/Educação*

**RESUMO**

Nesta pesquisa sobre o museu como espaço educativo em arte, estuda-se a interação entre os escolares e o patrimônio cultural. O objetivo é analisar o funcionamento do setor educativo de um museu de arte. Levanta-se alguns dados sobre o desenvolvimento do ensino de arte no Brasil para esclarecer como acontece a ação educativa em museu. A partir do significado da educação não-formal, são comentados conceitos de educação patrimonial e arte/educação. O diálogo entre museus e escolas por meio do ensino de arte apresenta-se a partir das responsabilidades que cada instituição tem para com a outra, assim como das duas instituições para com a sociedade. O Setor Educativo do Museu de Arte Contemporânea (MAC) do Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura (CDMAC) foi o objeto de estudo pesquisado. O início desta pesquisa tinha a pretensão de analisar as atividades que aconteciam no Setor, mas a análise focou principalmente a visita guiada de grupos escolares. Foram realizadas observações, entrevistas e análises que demonstraram que o Setor Educativo do Museu de Arte Contemporânea já teve muitos projetos para trabalhar com as escolas, mas não funcionaram, especialmente devido ao tempo restrito das escolas para fazer a visita, incluída numa espécie de ‘pacote’ com outros equipamentos do CDMAC, como o Planetário e o Memorial da Cultura Cearense.

**PALAVRAS-CHAVE:** educação em museu; patrimônio cultural; arte/educação.

Infra-estrutura: data show

O trabalho da ação educativa em museu vem ganhando seu reconhecimento como importante atividade para as crianças, dentro do contexto escolar. Com isso, o museu precisa preparar-se para receber esse público específico, tornando a visita prazerosa e com resultados positivos de aprendizado. Para que isso ocorra, busca-se identificar que tipo de problema esse espaço (museu) enfrenta para criar atividades dentro de um plano de ação educativa. Essas atividades podem ser oficinas, visitas monitoradas, teatro de bonecos, contação de história, etc, mas neste caso a pesquisa terá como foco a visita guiada.

A escola busca espaços além da sala de aula, para que a criança valorize e tenha prazer no processo de ensino e aprendizagem. Os museus e os centros culturais podem ser esses tipos de espaços para a fruição da obra de arte, contanto que tenham propostas voltadas para o público escolar, o que já existe na maioria desses espaços. As propostas educativas instigam os alunos por meio do contato com o conhecimento estético e crítico, de forma lúdica e descontraída. Portanto, é aí que deve haver um cuidado para que o aprendizado não seja

apenas espontâneo.

Quando não há a atenção ao ensinar a ler as imagens, a interpretação se restringe ao que o aluno tem de conhecimento próprio e ao que ele sente no momento em relação a um estímulo dado. Ao observar a visita dessa maneira (espontânea), o processo de aprendizagem pode se tornar um simples “passeio”, pois não acrescenta nada ao conhecimento do indivíduo, deixando-o entregue as suas próprias limitações (OLIVEIRA, 2002). Desta forma, é que está colocado nesta pesquisa a importância da participação do professor antes durante e depois da visita ao museu.

### **Ação Educativa em Museu no Brasil**

*“Não podemos entender a cultura de um país sem conhecer a sua arte. A arte como uma linguagem, tais como a discursiva e a científica”*

*Ana Mae Barbosa*

Falando em especial dos museus de arte que começaram a surgir no Brasil entre os séculos XIX e XX, grandes mudanças são observadas no cenário internacional dos museus. Foi nesse período em que se fez o uso dos espaços museológicos para ações pedagógicas. A partir de meados do século XX, percebeu-se que as instituições museológicas passaram a valorizar, de forma expressiva, a vocação educacional (BRUNO, 2006).

Segundo Ana Mae Barbosa (2005), no Brasil o trabalho do arte/educador nos museus tem sido improvisado, desde os anos cinquenta, quando Ecylla Castanheira Brandão e Sigríd Porto de Barros começaram a organizar os primeiros serviços educativos em museus, no Rio de Janeiro. A autora continua sobre a história do ensino de arte no Brasil dizendo que, apesar de existirem no país cerca de oitenta cursos de educação artística, em nenhum deles há qualquer abordagem a respeito da preparação do arte-educador para trabalhar em museus. Dessa forma, observa-se a urgente necessidade de capacitar pessoas para trabalhar a arte/educação em museus brasileiros.

Todas as pessoas vivem cercadas de imagens e códigos, por meio dos *outdoors*, produtos imagéticos e novos *designs* em roupas, carros, móveis, etc. Como Sandra Oliveira fala, existe um acervo e uma produção de significados constantes em nosso dia-a-dia e que não há uma preocupação com a aprendizagem da leitura desses códigos como a que existe em relação à língua natural - alfabetização (OLIVEIRA, 2002). Na realidade essa preocupação

com o ensino da leitura de imagens está iniciando e já existem trabalhos interessantes sendo realizados ao construir a leitura por meio de um elo entre palavra e imagem.

Nesse momento é quando se verifica a necessidade de valorizar a educação não-formal como possibilidade de experiência, já que não há um formato padrão a seguir como acontece com as escolas em relação aos Parâmetros Curriculares Nacional - PCN. Dessa forma, o museu está livre, mesmo havendo suas regras, para experimentar formas de ensino/aprendizagem da leitura de imagens.

Nesta pesquisa fala-se de ação educativa em dois tipos de museus, dentre os diversos que existem. Sobre a aproximação entre um museu histórico e museu de arte observa-se a educação como ponto em comum, quando cada um realiza suas atividades de educação patrimonial e arte/educação, respectivamente. Em todos os tipos de museu há informações de interesse não só para o público escolar, mas principalmente para a sociedade local poder desenvolver seu conhecimento com prazer, além do público externo, sejam turistas, estudantes estrangeiros, etc.

Quando se visita uma exposição em um museu de arte, a intenção é dedicar-se à apreciação daquilo que está exposto. Ao apreciar uma obra o visitante normalmente sofre influência da memória e do conhecimento que se tem, pois é por meio dessa bagagem própria que ele fará uma leitura única daquilo que está exposto. Da mesma forma acontece quando se visita um museu histórico, percebe-se a intenção do espaço museológico de provocar uma lembrança nos visitantes, a partir dos objetos expostos e contextualizados historicamente, a partir da memória sobre a sociedade, demonstrando as mudanças no presente.

O museu sempre teve uma ligação com a pedagogia, mesmo não sendo algumas vezes claramente intencionada. Em suas diferentes idéias e temáticas, os museus procuram, da melhor maneira, selecionar e organizar os objetos do acervo para uma melhor leitura dos visitantes e para a boa comunicação destes com o ambiente. Para a realização da montagem da exposição, é necessário uma orientação seguindo uma postura teórica, ou seja, saber de que maneira o museu deseja propor a relação do público com os objetos.

Esse é um dos desafios dos museus que pretendem trabalhar o lúdico, utilizando as novas tecnologias, mas sem esquecer o compromisso educativo, pelo qual organiza as idéias e objetivos da atividade pedagógica. Isso faz com que os visitantes reflitam sobre a situação do mundo atual, em um diálogo interessante com o ambiente museológico.

A partir dessa idéia da educação em museu, discorre-se aqui um pouco sobre alguns termos que ficam confusos em certos textos. A *educação não-formal* apenas se diferencia da educação formal na maneira como o conteúdo é passado e da forma como é elaborada a

atividade educativa. Em um museu a *educação não-formal* engloba a educação patrimonial e a arte/educação, dentre outras atividades, e apresenta todas as formas de educar que não se enquadram nos padrões escolares, em que é necessário um plano curricular formal e padronizado nacionalmente, mas conta com objetivos e metodologia para alcançar estes fins (CÂNDIDO, 2007).

Segundo o “Guia Básico de Educação Patrimonial”, a *educação patrimonial* foi assim definida:

Trata-se de um processo permanente e sistemático de trabalho educacional centrado no Patrimônio Cultural como fonte primária de conhecimento individual e coletivo. A partir da experiência e do contato direto com as evidências e manifestações da cultura, em todos seus múltiplos aspectos, sentidos e significados, o trabalho de Educação Patrimonial busca levar as crianças e adultos a um processo ativo de conhecimento, apropriação e valorização de sua herança cultural, capacitando-os para um melhor usufruto desses bens, e propiciando a geração e a produção de novos conhecimentos, num processo contínuo de criação cultural (HORTA & GRUMBERG & MONTEIRO, 1999, p.6).

Com essa definição direta da fonte, há uma percepção da profundidade que existe na educação patrimonial, principalmente quando se trata da atenção para o público local, isto é, para a sociedade parcialmente formada por meio daquele patrimônio exposto. Para o público não local, a *educação patrimonial* tem força no sentido de expressar a cultura local e valorizar a marca/identidade do lugar. Por isso insiste-se em ressaltar que essa é uma atividade básica do museu.

A *arte/educação* já é uma outra atividade mais dedicada a trabalhos realizados numa ligação direta com a obra de arte e com o artista. Esse trabalho aponta para objetivos mais específicos a serem atingidos como o desenvolvimento do senso crítico e estético do visitante ao apreciar as obras de arte.

Nos anos 80, foi criada e difundida no Brasil uma abordagem do ensino de arte, que passou a ser conhecida como Metodologia Triangular, e que hoje, mais corretamente, chama-se de Proposta Triangular. Essa abordagem vinha quebrar com o conhecido sistema de apenas expressar, e propunha que se trabalhasse com três ações mental e sensorialmente básicas quais sejam: criação (fazer artístico), leitura da obra de arte e contextualização (BARBOSA, 1998,

p.33).

É por isso que se enfatiza tanto a importância de os professores começarem a apresentar aos seus alunos a arte local, regional, nacional e internacional. Não necessariamente cumprindo essa ordem, mas pelo menos intercalando obras nacionais e internacionais, contextualizando-as com o período, escola e fazendo as relações necessárias.

### **Ensino de arte: um diálogo entre museus e escolas**

O museu tem um papel social importante e, junto com a escola, cria uma relação fortalecendo a formação dos estudantes, principalmente no que diz respeito ao ensino da arte. A escola também tem um compromisso com os museus, no sentido de preparar os escolares para as visitas, trabalhando com eles o antes, o durante e o depois. Além do trabalho do professor na escola, o educador do museu precisa situar esse professor que leva o grupo, como visitante participante, assim como faz com os alunos no espaço museológico. Desta forma, os alunos percebem que o professor está interessado e participando da visita como eles, com as mesmas chances de aprender coisas novas no museu.

Alguns pesquisadores vêm debatendo sobre as novas formas de educar. Então, uma das contribuições do museu sobre esse assunto junto à escola é a formação cultural do indivíduo em idade escolar (AMARAL, 2005). Mas também não se pode esquecer do compromisso social do museu que se estende como espaço para a educação permanente.

O papel social de um museu pode ser identificado pela responsabilidade que este tem de apresentar à comunidade e ao mundo objetos tidos como necessários ao reconhecimento de uma cultura e uma história comum. Por isso, estão embutidos em todos os museus os objetivos básicos, quais sejam, o educativo, o científico e o preservacionista. O museu tem o papel de trazer à tona os elos temporais entre o pretérito e o presente. Assim, ele é capaz de proporcionar a reflexão múltipla da história, da memória e da construção de significados através da relação com os objetos (RAMOS, 2004).

A pouca frequência observada na maioria dos museus brasileiros e a falta de hábito de visitação são resultado de uma relação tensa e complicada no Brasil, principalmente ao observar a relação entre teoria e prática, entre escola e sociedade, entre ensino e realidade. Por isso é importante que o professor motive seus alunos antes da visita, informando sobre para onde irão, que tipo exposição ou estilo de arte será vista. Caso seja uma exposição individual, é interessante falar um pouco sobre o artista antes. Para essa preparação é necessário que o

professor pesquise e repasse o mínimo de informações para seus alunos e assim possam aproveitar melhor aquela exposição.

Sabe-se de todas as dificuldades e lutas enfrentadas por parte de alguns professores, para que a arte/educação seja tratada como disciplina do currículo escolar para que se tenha o mínimo de estrutura para trabalhar com os alunos. É triste quando percebe-se que em “dezessete anos de ensino da arte obrigatório não desenvolveu a qualidade estética da arte/educação nas escolas. O problema da baixa qualidade afeta não somente a arte/educação mas todas as outras áreas de ensino do Brasil” (BARBOSA, 2005).

Dentre as atividades dos museus, a ação educativa é demonstrada também no diálogo que mantém com as mais diversas áreas do saber. O compromisso do museu junto às escolas se estende para as instituições de ensino superior. Na capacitação profissional, o museu pode desenvolver atividades técnicas específicas e contribuir para a formação de museólogos, conservadores e restauradores, além de outros profissionais.

A captação e organização de seminários, palestras e oficinas é fundamental para o compromisso de formação por parte da instituição museológica. O museu tem o compromisso de atrair para o seu centro o debate multidisciplinar. Observa-se a crescente atuação de profissionais das mais diversas áreas dialogando com o museu como: historiadores, antropólogos, arquivistas, biblioteconomistas, *designers*, administradores de empresas, turismólogos e arquitetos. Todos têm uma função importante dentro do museu, desde que tenham consciência da gestão dos bens culturais enquanto segmento importante para a apropriação da sociedade.

O caráter educativo do museu enraíza-se em um posicionamento crítico diante da ‘sociedade do consumo’. A questão crucial é saber que, ao entrar na onda do ‘Shopping Center Cultural’, o museu e as políticas de preservação do patrimônio cultural perdem a força educativa, transformando-se em mais um bem de consumo rápido, conforme as exigências do mercado globalizado (RAMOS, 2004, p. 25).

Esse é um cuidado que os Museus e Centros Culturais precisam ter e devem ficar atentos para não caírem na armadilha.

As universidades também devem buscar um contato cada vez maior com os museus, principalmente quando levado em conta o desenvolvimento tecnológico, científico e cultural. Vem crescendo o número de instituições de ensino superior que mantêm museu ou galeria no

seu próprio *campus* atingindo os diversos interesses do meio acadêmico, assim como da comunidade externa. A parceria universidade-museu deve ser fortalecida na perspectiva da produção do conhecimento e do intercâmbio científico nacional e internacional.

### **Ação Educativa no Museu de arte Contemporânea do Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura**

Em 2005, com a gestão de Ricardo Resende como diretor técnico do Museu de Arte Contemporânea - MAC, houve mudanças estruturais e a criação do **Setor de Conservação e Acervo** e do **Setor de Ação Educativa**. Estas mudanças visaram um maior dinamismo e autonomia do museu com relação a sua coleção e um melhor direcionamento das atividades educativas voltadas para a especificidade da coleção e formação de público.

Desde 1999 o museu conta com educadores que realizam as visitas guiadas, mas somente em 2005 foi criado um setor com ações voltadas a educação em museus, com uma coordenação que direciona e orienta as pesquisas que são desenvolvidas pelos educadores.

Esta pesquisa teve um recorte sobre o Setor Educativo do MAC no período que abrange os anos 2005 e 2006, envolvendo ainda algumas atividades realizadas no início do ano 2007. Foi realizada por meio de entrevistas, pesquisa bibliográfica e observações. As entrevistas foram realizadas com a coordenadora e com alguns educadores do Setor Educativo do MAC do Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura (CDMAC), a partir de questões sobre o funcionamento da ação educativa desse espaço. O questionário foi aplicado nos dias em que foram realizadas as observações.

O Setor Educativo é formado por uma coordenadora de ação educativa e oito educadores. Neste momento, apresenta atividades de caráter de formação que contribuem para a comunidade em geral. Já em relação às escolas, o museu ainda tem muito que crescer e expandir suas atividades e propostas educativas.

O MAC precisa se preparar mais para receber a escola no sentido de confeccionar material educativo (folhetos), como uma saída já que as escolas não têm dedicado o tempo necessário para uma visita com oficina. Esse material educativo poderia ser trabalhado pelo professor em sala de aula, após visita. A questão de preparar o professor também é de grande importância, e, por isso, o MAC deveria voltar a realizar o curso de educação em museu para professores.

O público escolar do MAC também precisa estar disposto a participar de atividades no

museu com mais qualidade, em vez de passar rápido e *fazer de conta* que está cumprindo um plano. Os professores precisam estar compromissados na função de preparar esses estudantes e a si próprio como visitante participativo, em vez de deixar nas mãos do educador do museu ou tomar o lugar deste.

As análises demonstraram que o Setor Educativo do Museu de Arte Contemporânea já teve muitos projetos para trabalhar com as escolas, mas que não funcionaram, especialmente devido ao tempo da visita, incluída numa espécie de ‘pacote’ com outros equipamentos do CDMAC, como o Planetário e o Memorial da Cultura Cearense. Demonstram ainda que o trabalho do educador do museu é fundamental para o interesse dos alunos pela exposição, além da participação do professor que acompanha o grupo escolar.

O trabalho de ação educativa de um museu é muito interessante e é preciso fazer mais pelos museus do Ceará. Este estudo foi o início de uma pesquisa aprofundada sobre o trabalho do museu em parceria com as escolas. Para o sucesso do resultado de uma visita escolar é imprescindível que o museu esteja interessado em fazer um bom trabalho de ação educativa, mas também que o professor esteja engajado e a escola preparada para trabalhar com os alunos antes, durante e depois da visita ao museu.

Durante esta pesquisa verificou-se que o museu, como espaço educativo em arte, é um lugar de aprendizagem estética, crítica e analítica do público em fase escolar. A escola, como uma das responsáveis pela formação do aluno como cidadão, deve incentivar os professores das diversas disciplinas a praticar mais esse tipo de atividade como parte relevante do desenvolvimento pleno do aluno. Ainda mais que a oferta de exposições com os mais variados temas possibilita trabalhar a arte com qualquer matéria.

## REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Amália Tavares Bastos. **Releitura, citação, apropriação ou o quê?** In: BARBOSA, Ana Mae (Org.). *Arte/Educação contemporânea: consonâncias internacionais*. São Paulo: Cortez, 2005.

BARBOSA, Ana Mae. **John Dewey e o ensino de arte no Brasil**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

\_\_\_\_\_. **A imagem no ensino da arte: anos oitenta e novos tempos**. 6 ed. São Paulo: Perspectiva, 2005. (Estudos: 126 / dirigida por J. Guinsburg)

\_\_\_\_\_. **Inquietações e Mudanças no Ensino da Arte**. São Paulo: Cortez, 2002.

BEZERRA DE MENEZES, Ulpiano. Os “usos culturais” da cultura. Contribuição para uma abordagem crítica das práticas culturais. In: YÁZIGI, Eduardo, CARLOS, Ana Fani; ARIZA DA CRUZ, Rita de Cássia (Org.). **Turismo: espaço, paisagem e cultura**. São Paulo: Hucitec, 1999.

BRUNO, Cristina. Museus e pedagogia museológica: os caminhos para a administração dos indicadores da memória. In: MIDLER, Saul Eduardo Seiguer (Org.). **As várias faces do patrimônio**. Santa Maria: Pallotti, 2006.

\_\_\_\_\_. **Museologia e Comunicação**. Lisboa: ULHT, 1996. (Cadernos de Sociomuseologia, 9).

CÂNDIDO, Manuelina Maria Duarte. **Ondas do Pensamento Museológico Brasileiro**. Lisboa: ULHT, 2003. (Cadernos de Sociomuseologia, 20).

GRINSPUM, Denise. **Educação para o Patrimônio: Museu de Arte e Escola – responsabilidade compartilhada na formação de públicos**. São Paulo: s.n., 2000. (Dissertação de Doutorado – FE/USP).

OLIVEIRA, Sandra. Educação, imagem e significação. **Revista Univille**. v7, n.1, p. 17-27, jun. 2002.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. **Museu, Ensino de História e Sociedade de Consumo**. Fortaleza: Museu do Ceará / Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, 2004.